

# Dívida: Tancredo vai influir

por Ângela Bittencourt  
de São Paulo

A margem de negociação dos países devedores junto aos bancos credores cresceu naturalmente, como decorrência da queda das taxas de juros internacionais. O presidente da diretoria executiva do Banco Econômico, Ângelo Calmon de Sá, ao ser escolhido ontem em São Paulo como o Homem de Marketing do ano (1984), acredita que a continuidade da negociação da dívida externa brasileira com os banqueiros internacionais, que será sinalizada a partir de março pelo presidente Tancredo Neves, deverá implicar maior espaço para o crescimento da economia.

Segundo o banqueiro, atualmente a questão externa é menos problemática que há quatro meses. "Havia uma preocupação

muito maior quando se discutia a dívida em setembro. Naquele momento a taxa interbancária de Londres (Libor) estava em torno de 13%. Hoje, ela é inferior a 9%. Isto significa uma economia de cerca de US\$ 4 bilhões no serviço da dívida brasileira". Ontem, a Libor fechou em 8,9375% ao ano.

## MORATORIA

Calmon de Sá mostrou-se totalmente contra a moratória. "Sou totalmente contra. Não vejo necessidade de uma medida deste tipo, principalmente com a queda dos juros, que traz um certo alívio para as negociações". O presidente do Banco Econômico vê com otimismo a possibilidade de um acordo entre credores e devedores internacionais, no sentido de preparação das duas partes no caso de "acidentes" que podem atrapalhar de alguma for-

ma o equacionamento das dívidas.

"Os acertos estão bem encaminhados. O México já renegociou, a Argentina também, mas é importante um entendimento entre os endividados, na medida em que podem ocorrer alguns 'acidentes' como uma retomada na alta dos juros internacionais; aumento no preço do petróleo; ou recessão econômica. Nenhum dos países devedores aguentam estes 'acidentes'. Daí a necessidade de estarem preparados. Ninguém vai repetir a dose de sacrifício do passado", ponderou.

## INFLAÇÃO

Calmon de Sá disse ainda que "se não controlarmos a inflação, não conseguiremos promover o crescimento da economia de forma nenhuma". No entanto, revelou-se convencido de que neste ano poderá haver

uma reversão na expectativa de inflação, pois o presidente Tancredo Neves tem grande apoio da sociedade.

Lembrando que é conhecido como um otimista, Calmon de Sá disse que a meta de inflação média de 170% firmada com o Fundo Monetário Internacional para 1985 poderá ser atingida. "Quanto a janeiro nada se pode fazer", observou, "mas não acredito em 15%. Deverá ficar bem abaixo desse número". O presidente do Banco Econômico também acredita que a meta de expansão monetária fixada em 60% para 1985 na sétima carta de intenção do governo brasileiro ao Fundo Monetário Internacional é factível. Sobre o fato da meta de base monetária passar a ser um critério de performance, Calmon de Sá foi taxativo: "isto significa que teremos de cumprir o que dissemos que vamos fazer".